

O PERÍODO MEDIEVAL-ISLÂMICO EM ÉVORA. UM OLHAR SOBRE O QUOTIDIANO. SÉCULOS VIII-XII

José Rui Santos¹

Resumo:

Com uma importância estratégica acentuada, num território onde se cruzam distintas vias de comunicação, a cidade de Évora assumiu grande relevância após a sua reconstrução em 914 d.C. A partir de 929 d.C. um enorme florescimento cultural e económico prospera a partir de Córdoba. Criaram-se as condições para que o comércio leve a todos os territórios do al-Andalus inovações culturais diversificadas. Sob o signo da pacificação califal por todo o al-Andalus, chegam aos territórios ocidentais do Gharb técnicas, pessoas e mercadorias vindas de todo o mundo islâmico, com destaque para a região de Córdoba, que se assume como principal centro produtor e dispersor cultural deste período, como se verifica no conjunto cerâmico exógeno encontrado em Évora.

Palavras-chave: Período medieval-islâmico, Évora, al-Andalus, cerâmica.

Abstract:

With a large and sharp importance, in a territory where various means of communication straps cross, the Évora city assumed a big importance after her reconstruction in 914 b.C. Since 929 b.C a enormous cultural and economic increase begins from Córdoba. They created the condition so that the trade take to all al-Andalus territory diversified cultural innovation. Arising the Califal pacification for all Andalus arrived to the west territories of the Gharb techniques, people and goods come of all islamic world, with emphasis to the Córdoba region, which assume as the principal center of production and cultural disperser in this period, as we can verify in the exogenous ceramic set found in Évora.

Key-words: Medieval islamic Period, Évora, al-Andalus, pottery.

¹ CHIDEUS- UÉ, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Palácio do Vimioso, Largo do Marquês de Marialva, n.º 8, 7000, Évora, Portugal; - jr.ribeiro.santos@gmail.com

1.Introdução

A cidade de Évora, durante o período islâmico teve uma importância singular, funcionando, como ponto-chave de diversas rotas comerciais terrestres, que ligavam as marcas média e inferior de al-Andalus no século X e os reinos de Toledo e Badajoz durante as Taifas no século XI, ou seja, os territórios do interior com os portos do comércio mediterrâneo. (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2015). Para se entender melhor esta cidade durante a época islâmica foi levado a cabo um estudo histórico-arqueológico com base nos vestígios materiais com procedência estratigráfica em diversas escavações, ocorridas desde os anos 80 do século XX até aos dias de hoje na cidade de Évora.

Tem como principal objetivo, a partir destas fontes materiais, dar um contributo para preencher a lacuna que ainda hoje se faz sentir no conhecimento da ocupação islâmica em Évora desde os inícios da islamização do território no século VIII até aos reinos Taifas no final do século XII. Esta análise aborda as diversas vertentes do conjunto cerâmico; a tecnologia de produção, a morfologia e funcionalidade e a ornamentação e iconografia, o que proporciona informações acerca dos hábitos alimentares, tradições e cultura destas populações e permitirá entender as relações comerciais intrínsecas que envolveram a cidade com todo o al-Andalus durante estes séculos, interligando-se assim a componente material com as fontes literárias existentes.

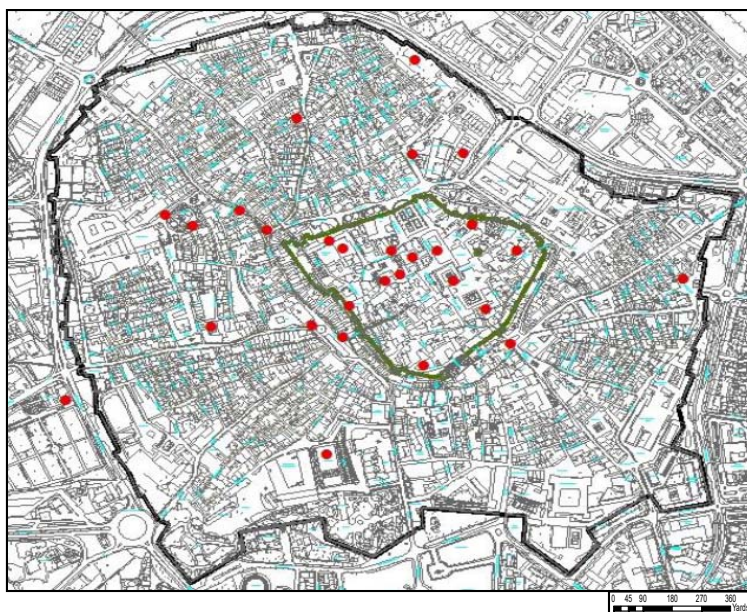


Fig. 1 – Mapa com localização dos achados com cronologia medieval-islâmica em Évora. Base cartográfica CMÉ.

2. Da herança paleocristã às transformações do século X

Tal como acontece por todo o al-Andalus, a materialidade arqueológica dos primeiros tempos da presença islâmica em Évora confunde-se com a do baixo-império. A ruralização progressiva que se assiste na alta idade média deve ter conduzido ao colapso das produções romanas tardias, dando lugar a criações menos especializadas (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2007: 99), com meios técnicos muito pouco desenvolvidos e com mercados urbanos demasiado restritos para permitir aos oleiros investir numa longa aprendizagem técnica (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2007: 99). As produções cerâmicas misturam produções manuais com fabricos a torno bastante grosseiros e rudimentares, com pastas mal depuradas e abundantes elementos não plásticos de tamanhos elevados, assim como cozedura redutora com morfologias muito próprias de tradição tardo romana.

Os séculos VIII e IX constituem um período formativo nas artes do al-Andalus, em que os elementos autóctones de época visigótica foram confrontados e moldados pelos cânones das artes islâmicas em pleno florescimento do oriente islâmico, dando assim, origem a uma simbiose, que com o decorrer do tempo, elaborou a sua própria linguagem artística e estilística, plenamente afirmada no século X, tributária das influências que entretanto tinha absorvido. A arte islâmica, não se restringe exclusivamente a objetos vinculados a questões religiosas, ela transita entre o espaço do quotidiano e do sagrado (ANDERSON, 2010: 246). Parece existir uma relação dialética entre o quotidiano e o mundo religioso, impregnado de simbolismo e signos, característicos da identidade muçulmana (GRABAR, 2000: 176).



Fig. 2 – Cerâmica do perdido emiral.

Os primeiros tempos de ocupação muçulmana em Évora caracterizam-se pela continuidade dos elementos já existentes, dos quais é exemplo a cerâmica. Com produções maioritariamente autóctones, nas quais perdura a continuidade das formas romanas-tardias, que em nada se integram na cultura islâmica, e que terão uma evolução lenta ao longo dos primeiros séculos, materializando características próprias. Tal como acontece com a organização urbana, Évora mantém o seu traçado sem alterações significativas às estruturas e à organização do espaço herdadas da antiguidade tardia, delineadas pela muralha do final do século III e pelos 12ha do espaço intramuros (HERMENEGILDO, 2002: 2).

Este processo simbiótico tem origem em duas grandes questões, em primeiro lugar na islamização demorada das populações do Gharb, que lentamente foram assimilando a nova religião e sistema socioeconómico e um segundo ponto que se relaciona com a falta de recursos e de técnicas de fabrico da cerâmica. A desagregação política e social do poder visigótico, onde um notório retrocesso económico tornou fácil a aceitação de uma nova ordem social, política, religiosa (TORRES, 1992: 417), não permitiu com facilidade o ressurgimento económico que a sucessão *à priori* traria.

As referências escritas árabes são omissas em relação a Évora durante os primeiros séculos, apenas no século X se regista a primeira referência, pela mão do historiador e geógrafo Ahmad al-Razi: “ [...] jaz uma vila a que os antigos chamavam *Ebris* e ora é chamada de *Yábura* com os seus termos” (COELHO, 2010: 36), facto que torna essencial a informação das fontes arqueológicas.

A proveniência dos achados do período emiral e do início do califado (séculos VIII, IX e X) situam-se no interior das muralhas da cidade, facto que reforça a possibilidade da cidade não ter crescido até ao momento do saque de Ordonho II em 929. Aos poucos, com a evolução das formas, assemelhar-se-ão a outras encontradas em diferentes pontos da Península no período homónimo. Assimilar-se-ão as correntes estilísticas, técnicas, iconográficas; que vigoram no mundo cultural islâmico, devido sobretudo ao comércio, visto que, o sistema económico do al-Andalus assenta sobretudo em relações comerciais (COELHO, 2010:125). Esta primeira fase de absorção cultural pauta-se não só pelas influências do exterior mas também pela modelação de influências locais antigas. Facto que resultará numa realidade material

própria que vai beber influências não só no mundo islâmico, mas também no clássico, romano e visigótico, resultando na criação de uma cultura material própria do Gharb e com reminiscências locais como se pode constatar nas cerâmicas de uso comum do século X. Sendo um dos períodos históricos no qual se registou o maior salto qualitativo na evolução da cerâmica nos territórios que atualmente constituem Portugal (GÓMEZ-MARTÍNEZ,2007:100).

Na segunda metade do período califal, Évora inicia um processo de crescimento urbano que comprovado pela primeira fixação de um arrabalde na cidade, junto à muralha, na actual Cerca de Sta. Mónica, a partir de 929 d.C. um enorme florescimento cultural e económico prospera a partir de Córdoba. Criaram-se as condições para que o comércio leve a todos os territórios do al-Andalus inovações culturais diversificadas. Sob o signo da pacificação califal, por todo o al-Andalus, chegam aos territórios ocidentais do Gharb técnicas, pessoas e mercadorias vindas de todo o mundo islâmico, com destaque para a região de Córdoba, que se assume como principal centro produtor e dispersor cultural deste período. Facto que se deveu à estabilidade política imposta pelo Califado, que integrou o Ocidente Ibérico na grande síntese Islâmica (GÓMEZ-MARTÍNEZ,2007:100).

Foi neste momento que a cidade de Évora se incluiu na próspera rede comercial que caracterizou o período omíada. O momento de reconstrução e repovoamento da cidade juntamente com a progressiva incorporação da cidade na orla de Badajoz, em favor do afastamento gradual de Beja, como se comprovará no período das taifas, tendo sido a segunda cidade do reino aftácida no século XI (FILIPE,2012:153). É na sequência destes acontecimentos que chegou até Évora o conjunto cerâmico exógeno analisado², no qual encontramos peças com enorme requinte, simbolismo, propaganda ideológica e com um índice de raridade bastante acentuado.

Está impresso no conjunto a adoção de simbologia cultural do Islão no quotidiano destas populações, sinónimo claro da presença de uma elite islâmica, que aqui se fixa na segunda metade do século X, na sequência da reconstrução e repovoamento pós saque, e a partir de 914 d. C., detentora de algum poder económico e com uma clara abertura aos gostos culturais da época. São vestígios claros de revitalização urbana e do fortalecimento de um comércio estreito entre Évora, Badajoz

e a região de Córdoba, como se comprova pelo elevado número de paralelos com cerâmicas destas regiões ³.

Se durante os primeiros tempos da ocupação islâmica em Évora (séculos VIII e IX) o repertório de materiais é bastante reduzido, estes dados parecem confirmar que a partir da segunda metade do séc. X se verificou um aumento significativo, tanto a nível de produções locais como no volume de importações. Ao nível das produções locais, o conjunto exprime grande diversidade de formas e uma tecnologia de fabrico bastante especializada, com cozeduras predominantemente oxidantes e um nível de depuração bastante avançado. A introdução de expressões artísticas características deste período é sinónima de um progresso social consentâneo com a ordem vigente. A morfologia do espólio traduz hábitos alimentares, e tradicionais, claramente pertencentes a um contexto cultural mediterrânico, denotando evolução nas formas e entrando em rotura com as de tradição visigótica e emiral, o que se traduz em novas tradições gastronómicas e numa cultura material característica de uma sociedade plenamente islamizada.



Fig. 3 – Cerâmica omíada, ornamentada com recurso à técnica de “verde e manganês”, estão presentes motivos fitomórficos e geomórficos.

No conjunto cerâmico em análise decifram-se tradições culturais pré-islâmicas embebidas em correntes artísticas com características próprias nascidas desta diversidade de culturas que forma o al-Andalus. Destaca-se um profundo compromisso com o que são princípios doutrinários do Profeta e da cultura muçulmana, que se deixa influenciar por uma corrente oriental, particularmente a bizantina e a sassânida (FERNANDES, 1999:94). O mundo omíada absorveu muito dessas culturas, mas

³ Registado bibliográfico extenso, a título de exemplo: - SALINAS PLEGUEZUELO, M^a Elena, *La cerámica Islámica De Madinat Qurtuba, de 1031 a 1236: Cronotipología y Centros de Producción*, Tesis Doctoral, Universidad de Córdoba, Córdoba.

criando mesmo os seus novos modelos com originalidade concordante com o vasto império islâmico (FERNANDES, 1999:94).

Grabar adianta que não há na cultura tradicional muçulmana uma base doutrinal direcionada às artes mas sim atitudes, algumas desenvolvidas ou copiadas a partir das regiões dominadas (OLEG, 1996:28). Bazzana defende a função inegável dos princípios corânicos que norteiam o dia-a-dia dos crentes nas concepções artísticas, realçando o papel afetivo da unidade num mesmo credo, que se traduz numa sensibilidade comum (BAZZANA, 1991:352). A iconografia da cerâmica é indissociável do contexto político-religioso do Islão peninsular, enquadrando-se na singularidade do reino omíada independente do que se desenvolveu em Córdoba, então um dos focos principais de irradiação cultural do mundo islâmico.



Fig. 4 – Peças do período omíada, ornamentadas com recurso à técnica de “verde e Manganês”, ostentam motivos epigráficos (al-Mulk).

Durante o período omíada, o grande centro irradiador de Córdoba marca fortemente a sua presença em todo o território especialmente com a difusão da cerâmica de “verde e manganês”. Do acervo destaca-se um conjunto de peças fabricadas com recurso a esta técnica com representações antropomórficas. Segundo Isabel Fernandes, este tipo de peças chega a converter-se em oferendas do soberano, a título de recompensa ou de afabilidade, expressão de um poder centralizado que divulga uma imagem de opulência e de ostentação (FERNANDES, 1999: 95). São de certo fruto de

um trabalho artesanal de encomenda para uma clientela urbana, plausivelmente culta e de um “status” social elevado, que aprecia decorações de qualidade, mesmo em artigos utilitários como estes. “Ao gosto do comprador atraem as alusões ao sagrado e ao poder, através de um desenho invulgar, evocador de antigas tradições orientais e do efeito estético do verde e manganês, a moda palaciana de grande expansão desde o centro cordovês” (FERNANDES, 1999: 95).



Fig. 5 – Peças do período omíada, ornamentadas com recurso à técnica de “verde e Manganês”, ostentam motivos antropomórficos.

3. Século XII - O auge de um processo de evolução urbana

Olhando o saque Évora por Ordonho II, através do al-Muqutabis, a primeira conclusão prende-se com a ausência de arrabaldes aquando do saque, facto que se liga a uma cidade sem crescimento económico e urbano. Crescimento que só se fará sentir na segunda metade do século X. No local onde hoje se ergue a cerca de Santa Mónica, foram encontrados vestígios que confirmam a presença de estruturas habitacionais a partir do Século X. Até ao momento, foi o único local exterior às muralhas antigas de Évora de onde surgiram vestígios habitacionais do século X, estando os dados arqueológicos de acordo com o relato do saque de Ordonho II.

Relativamente ao urbanismo da cidade, podemos concluir que durante os primeiros séculos a cidade manteve as estruturas herdadas da antiguidade, com poucas alterações, como se confirma no texto do al-Muqutabis. Na estratigrafia e geografia urbana analisadas são diversas as conclusões com que nos deparamos. Era já ponto assente que a zona do templo e do Museu tiveram utilização habitacional, em ambos os casos durante todo o período islâmico. No templo romano falamos claramente de uma

ocupação polifásica, os silos escavados no pavimento de origem romano, são prova da reutilização das estruturas antigas pelas populações neste período, e a cronologia do entulho apresenta uma datação *post quem* emiral e *ante quem* almóada, traduzindo uma ocupação incessante do espaço no período islâmico. Considerando a crónica referida, é bastante provável que o templo tenha sido transformado numa estrutura defensiva neste período ⁴, é natural que se fixassem habitações junto a este forte, que se prolongará até à mesquita, ligando-se fisicamente a esta, como comprovam os dados analisados por Vanessa Filipe no que toca à estratigrafia registada durante as escavações do Museu de Évora.

Refere que há um reaproveitamento de estruturas de períodos anteriores, com estruturas que se enquadram nas normas construtivas descritas por Ibn´Abdun (MACIAS, 1996: 74-75). São estruturas que dão conta de um bairro de grandes dimensões que terá sido abandonado após conquista cristã da cidade em 1165 (FILIPE, 2012:n148-150), consentâneo com o *términus* ocupacional das estruturas junto ao templo.

Os vestígios materiais e estratigráficos encontrados na zona sul desta zona central, no edifício do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora, traduzem de igual forma a presença de um conjunto habitacional. Atendendo ao consenso historiográfico que coloca geograficamente a Mesquita principal da cidade no local onde atualmente se situa a Catedral. No entanto, a necessitar de comprovação arqueológica, o que reforça esta perspetiva, é a existência, clara, de uma continuidade da zona áulica Romana, na qual se insere o templo e a mesquita (HERMENEGILDO, 2002: 5), habitada por uma elite urbana durante todo o período islâmico. É notório que estejamos perante uma continuação dessa zona habitacional, que se advinha intensa em torno da Mesquita, estendendo-se para a zona sul/ sudoeste da mesma, em direção ao largo das Portas de Moura.

⁴ Veja-se SIDARUS, Adel, *Um Texto Árabe do Século X Relativo à Nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz*, In; A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborensis, Évora, 1988. P. 196. – “[...]de acordo com o relato da peleja, estas torres “pareciam não ter ligação estratégica com a muralha”. Isto é estranho do ponto de vista da arquitectura militar e da própria situação dos refugiados: divididos por vários edifícios e todos eles tão impenetráveis? A verdade é que o problema pode prender com a terminologia e o documento pode-se referir a um único edifício (mabnā) poderia ser o antigo edifício do Templo Romano, com certeza, já emparelhado e transformado em torre inexpugnável. Terá funcionado antes, como igreja, na sequência do fim do paganismo em Évora?”.



Fig. 4 - Parte do conjunto material que emoldura o século XII, estão presentes peças elaboradas com recurso à técnica de “corda-seca” e melado e manganês, que se matem até ao final do período islâmico.

No entanto o *términus post quem* deste local enquadra-se no século X. Este défice de vestígios do período emiral pode encontrar justificação em diversas razões, nomeadamente pelo abandono dos silos se ter efetuado já no século XI e, simplesmente, a realidade material dos séculos VIII e IX, já ter sido abandonada, tal como se passa na ocupação da zona onde hoje é o Museu de Relativamente à reutilização da estrutura dos banhos romanos neste período afigurasse prematuro avançar com garantias. No entanto, fica a hipótese de um pequeno *hammam* ou local de abluções em anexo à mesquita, parece plausível atendendo ao fácil abastecimento de água da estrutura devido aos níveis freáticos da área que se encontram próximos da superfície⁵, facto comprovado pela existência de poços⁶, que poderiam ter continuado a fornecer água, muito depois do desaparecimento do velho aqueduto romano⁷.

Na encosta Este da cidade as escavações do Pátio de São Miguel e do Palácio dos Lóios, testemunham ocupação do local em período islâmico, contudo a associação desta zona à alcáçova carece ainda de trabalho arqueológico. No entanto a casa de grandes dimensões encontrada no Pátio de São Miguel sugere parte de um edifício palatino, justificando os moldes de ocupação do espaço como alcáçova. Resta entender os moldes em que esta zona se delineava.

Junto à muralha, no quadrante Oeste, na zona da atual Casa de Burgos e Rua Vasco da Gama, encontramos, de igual forma, vestígios de habitações, materializados em espólios do quotidiano. Um dado que parece certo é que a cidade se foi construindo

⁵⁵ Nota: Informação cedida pelo arqueólogo responsável, Ricardo Gaidão.

⁶ A peça CMCS/514 é sinónimo da presença de poços nesta zona.

⁷ Informação implícita na obra, BILOU, Francisco, *A Refundação do Aqueduto da Água de Prata, em Évora 1533-1537*, ed. Colibri, Lisboa 2010, Pp. 10-11.

em torno das estruturas romanas já existentes, e logicamente do centro para a periferia. Apesar de surgirem materiais emirais nas escavações da *natatio* das termas romanas, que são provenientes de revolvimento, fato que leva a ponderar a reutilização das termas romanas (ou pelo menos da *Natatio*) como vazadouro de lixos domésticos⁸, provavelmente uma lixeira urbana que atravessou todo o período islâmico.

A partir da segunda metade do século X, verifica-se um crescimento urbano em Évora, como atesta o já referido arrabalde da Cerca de Santa Mónica situado na encosta da alcáçova. Numa análise à cartografia relativa à dispersão da cerâmica nos sítios arqueológicos observa-se que, na transição do período emiral para o califal existe uma evolução da ocupação na cidade, partindo da zona central em direção à muralha, extravasando-a a partir de 929 d.C., fato que se acentuará já em finais do século XI com o surgimento de um segundo arrabalde na zona Oeste (escavações do Palácio dos Lobo da Gama).



Fig. 7 – Cerâmica do séc. XII, Talha estampilhada (al-Mulk – em cima e alif – em baixo), Jarro totalmente vidrado e panela com marcas de fogo.

Os vestígios de necrópoles funcionam aqui como fator delimitador da cidade nos diferentes períodos. Assim sendo temos duas primeiras necrópoles na zona da Praça

⁸ Informação oral cedida pelo arqueólogo responsável pelas intervenções no edifício Panagioutis Sarantopoulos.

do Geraldo e Portas de Moura⁹, junto às muralhas. Será portanto factual que até aos finais do século XI a cidade se mantém com a geografia mais ou menos definida pela muralha tardo-romana. O período de crescimento califal é consentâneo com a reconstrução da cidade pós-saque, a partir deste momento surge o crescimento urbano, aliado logicamente ao crescimento financeiro e comercial, da cidade e de todo o al-Andalus. Surgem então os primeiros arrabaldes e, já no século XII, a cidade toma nova forma, sendo potenciada por um crescimento habitacional elevado, como constatamos na quantidade de pontos geográficos de onde surgiram vestígios relacionados com o período almorávida.

O crescimento da cidade iniciado no século X toma corpo no século XI, chegando ao seu apogeu já no início do século XII. Fatos arqueológicos como a presença de necrópoles bastante mais afastadas da muralha antiga¹⁰, e uma quantidade relevante de novos sítios em que os materiais apontam para uma cronologia exclusiva do século XII, ao contrário dos sítios centrais em que os vestígios abarcam todas as fases do período islâmico. São testemunhos que sugerem um vincado crescimento urbano no século XII. Com um crescimento urbano intenso e com o assédio cristão a mostrar força¹¹, não é desapropriada a hipótese de ter existido uma segunda linha de muralha na cidade construída em finais do século XI e inícios do XII. As muralhas de Évora neste período teriam as características poliorcéticas que agora se desconhecem? Não é impossível, dado que, segundo a cronica do eborense Christovão Rodrigues Acenheiro, D. Fernando de Portugal¹² terá mandado destruir grande parte da “cerca velha”(CORREIA, 2010:664-665).

Esta hipótese parece bastante plausível, no entanto não se pode afirmar que a cintura que hoje se vê da muralha Fernandina, de Évora possa corresponder à segunda muralha islâmica, considerando inovações da Ordem de Avis que possam também ter

⁹ Balizamento cronológico comprovado por análises de radiocarbono. – FERNANDES, Teresa Matos "Informação sobre os trabalhos de campo de antropologia biológica na Praça do Geraldo, sondagem Santo Antão (Évora) ", 2002.

¹⁰ Idem. Refiro-me à necrópole da zona do Antigo Convento de S. Domingos (hoje um complexo habitacional e um parque de estacionamento em frente ao Teatro Garcia de Resende).

¹¹ Veja-se o impacto que o saque de Évora por Ordonho II teve no seio do poder muçulmano, exemplo disso é a forma como Ibn- hayan se refere ao príncipe galego no texto al-Muqtabis, e na obra de Fernando Branco Correia, todo o processo bélico da conquista cristã.

¹² “E despoys, era de mil e quatrocentos e dezoito, maódou este Rei derribar a cerca velha d’Evora, que era a mylhor couza d’espanha” – Christovão Rodrigues Acenheiro, *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, in: *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, tomo V, Lisboa, Real Academia das Sciencias, 1824, P. 146.

sido destruídas na fase fernandina. Esta hipotética “segunda cerca árabe” pode em alguns troços ter coincidido com as linhas Fernandinas, no entanto parece um pouco exagerado que tivesse tais dimensões. As referidas necrópoles que apontam cronologicamente a este período são um fator delimitador da mancha urbana e desta possível muralha, até porque não se verificam vestígios de ocupação muçulmana para lá destas linhas de necrópole.

4. Considerações finais

As intervenções arqueológicas em Évora tem vindo a proporcionar um apreciável conjunto de dados, que conforme se demonstrou, permitem formular com rigor as hipóteses acerca da cidade muçulmana de Évora (séculos VIII a XII), dos mais diversos prismas. Um fator que parece pertinente é a sucessiva reutilização/ reocupação de espaços e estruturas dos períodos anteriores. No entanto, muitos são os contributos deixados pela cultura muçulmana na cidade, desde a língua à cerâmica, ao traçado urbano e aos costumes alimentares. Apesar de uma leitura fragmentada da realidade e de uma abordagem necessariamente esquemática, denotamos a ausência de vestígios que confirmem uma chegada abrupta ou violenta das tropas muçulmanas¹³, nem uma doutrina ou política imposta à força e por “decreto”, mas sim uma realidade que se molda lentamente ao sabor de ruturas com tradições passadas, numa branda aceitação dos novos costumes.

Ligada pelo cordão do comércio, a cidade de Évora insere-se no sul Ibérico, entendido como um espaço alargado e sem limites geográficos frigidados, culturalmente unificado por uma matriz comum, a mediterrânica, comportando especificidades próprias de um território onde, durante este período conviveriam, influenciando-se reciprocamente, cristãos, muçulmanos e minorias étnico-religiosas como judeus, moçárabes e estrangeiros.

¹³ Como reflete Cláudio Torres, arqueologicamente falando, este acontecimento é um “não-facto” – in TORRES, Cláudio, Camponeses e Mercadores no Mediterrâneo, *Arqueologia Medieval* 10, ed. Afrontamento, Porto, 2008, p. 5.

Bibliografia

- BARCELÓ, M. (1993) - *Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra*, La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus, Granada.
- BARROS, Maria Filomena; VILAR, Hermínia de Vasconcelos (2012) - *Categorias sociais e mobilidade urbana na baixa idade media: Entre o Islão e a Cistandade*, ed. 1, 1 vol, ed. Colibri-CIDEHUS, Évora.
- BAZZANA, André (1992) - *La cerâmica islâmica de la Ciudad de Valencia*. Vol.I, in. Ajuntament de València, Valencia.
- BEIRANTE, Maria Ângela (1995) - *Évora na Idade Média*, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1999) - *Dicionário dos Símbolos*, Ed. Teorema, Lisboa.
- COELHO, António Borges (2010) - *Donde Viemos*, História de Portugal volume I, Editorial Caminho, Alfragide.
- FERNANDES, Isabel (1999) - *Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do castelo de Palmela*, in: Arqueologia Medieval 6, ed. Afrontamento, Lisboa.
- GRABAR, Oleg (1968) - *L'Art de la Fin de l'Antiquité et du Moyen Age*. Vol. II, Paris.
- GRABAR, Oleg (2000) - *La Formación del Arte Islámico*. 8ª ed. Cátedra, Madrid.
- LOPES, David (1909-1910) - *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1991, separata do boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa, vols. 3-4 Lisboa.
- MACIAS, Santiago (1996) - *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII), Mértola*.
- MATTOSO, José (1992) - *A cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidades*, in: Cidades e história, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- MATTOSO, José (1997) - *A época sueva e visigótica, História de Portugal Direcção de José Mattoso, Antes de Portugal*, Vol. I, ed. Estampa, Lisboa.
- PICARD, Christophe (2000) - *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris,
- PICARD, Christophe (1997) - *L'Océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*, ed. Maisonneuve & Larose /Unesco, Paris.

PIEDRA, Carlos Cano (1996) - *La cerámica verde- manganoso de Madīnat al-Zahrā*, ed. Sierra Nevada 95 / El legado andalusí, Granada.

TORRES, Cláudio (1992) - *O Garb al-Andaluz*, in. História de Portugal de José Mattoso, Vol. I, ed. Circulo de Leitores, Lisboa,

Fontes impressas

COELHO, António Borges (2008) - *Portugal na Espanha Árabe*, ed. Caminho, 3º ed., Lisboa.

CHRISTOVÃO, Rodrigues Acenheiro (1824) - *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, in: Collecção de Inéditos de História Portuguesa, tomo V, Lisboa, Real Academia das Sciencias.

SIDARUS, Adel, (1988) - *Um Texto Árabe do Século X Relativo à Nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz*, In; A Cidade de Évora, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborensis, Évora.

Teses e obras não publicadas

CORREIA, Fernando Branco (2010) - *Fortificação, Guerra e Poderes no Gharb al-Andalus*, Tese de Doutoramento, policopiada.

FERNANDES, Hermenegildo (1991) - *Organização do espaço e sistema social no Alentejo medievo. Ocaso de Beja*, Dissertação de Mestrado, FCSH, Lisboa.

FILIPPE, Vanessa (2012) - *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Março de 2012.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (2004) - *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

Artigos, separatas, catálogos, posters, etc.

BALESTEROS, Carmen; OLIVEIRA, Jorge; MIRA, Élia, (1996-97) - *As Muralhas de Évora: Aspectos Problemáticos do Sistema Defensivo*. In: A Cidade de Évora, II Série, nº 2. Évora.

- BAZZANA, André (1991) - *La Céramique Verte y Morado Califale à Valence: Problèmes Morphologiques et Stylistiques*, in: *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- BUGALHÃO *et alii* (2010) - *CIGA – Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus*, in: *Xelb*, nº 10, Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves.
- FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia (2002) - *O Urbanismo de Évora no Período Medieval*, in: *Revista Monumentos* nº 26, Lisboa.
- FRANCO MORENO, Bruno (2008) - *Abd al-Rahmân Bn Marwân al-Yïllîqî – Un Líder Muladí del Occidente de al-Andalus rebelde a los dictados de Córdoba (siglos IX/III)*, *Arqueologia Medieval* 10. Porto: Edições Afrontamento.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana; SANTOS, José Rui (2015) - *Evora e Mértola (Portugal): Convergencias y divergencias en las rutas de comercio de cerámica del Garb al-Andalus (siglos X al XII)*, Antalya, Turquia.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (1998) - *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus*, in: *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (1995) - *Cerâmica de verde e manganês do Castro da Cola*, in: *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pôs Medieval*, Camara Municipal de Tondela, Tondela.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (1994) - *La cerámica de verde y morado de Mértola*, In: *Arqueologia Medieval* nº 3, Mértola.
- GROMICHO, A, *Origens da Cidade de Évora*, in *Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, A Cidade de Évora, nº 45-46, Évora.
- PICARD, Christophe (1998) - *A islamização do Gharb al-Andalus*, in: *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa.
- TEICHNER, Felix (1998) - *A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)*, *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- TEICHNER, Felix (1986-1992) - *Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am Römischen Tempel Madrider Mitteilungen*, Mainz, Verlag Philipp Von Zabern.

TORRES, Cláudio, *et all* (1998) - *Portugal Islâmico, Os últimos sinais do Mediterrâneo*, catálogo de exposição do Museu Nacional de Arqueologia, ed. Printer Portuguesa, Lisboa.

TORRES, Cláudio (1989) - *Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica*", Actas do Seminário: Espaço Rural na Lusitânia. Tomar e o seu território, Tomar.

TORRES, Cláudio, GÓMEZ, Susana, FERREIRA, Manuela (1997) - *Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos*. Actas da 3ª. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (2009) - *Arquitectura militar en al-Andalus*, In: Xelb 9, Ac: Xelb 9, Actas do 6º Congresso de Arqueologia do Algarve – O Garb no Al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, Silves.

ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan (1999) - APARICIO, Alfredo, *Análisis de cerâmicas andalusíes*, Actes du VIIe Congrès sur la Céramique Médiévale en Méditerranée. Thessaloniki.

